



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
CURSO DE AGRONOMIA COM ÊNFASE EM AGROECOLOGIA**

**NILSON EDUARDO RODRIGUES**

**O ESTUDO DA AGROECOLOGIA NA ESCOLA JOCELI  
CORRÊA E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES AO ASSENTAMENTO  
RONDINHA - JÓIA/RS**

**PONTÃO  
2018**

**NILSON EDUARDO RODRIGUES**

**O ESTUDO DA AGROECOLOGIA NA ESCOLA JOCELI  
CORRÊA E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES AO ASSENTAMENTO  
RONDINHA, JÓIA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientador (a): prof. Matheus Fernando Mohr

PONTÃO

2018

Rodrigues, Nilson Eduardo. O estudo da agroecologia na escola Joceli Corrêa e suas contribuições para o assentamento Rondinha Jóia - RS/ Nilson Eduardo Rodrigues. -- 2018.

43 f.

Orientador: Matheus Fernando Mohr.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Agronomia, Erechim, RS, 2018.

1. Educação agroecológica. 2. agrotóxicos. 3. Qualidade de vida. I. Mohr, Matheus Fernando, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**NILSON EDUARDO RODRIGUES**

**A-O ESTUDO DA AGROECOLOGIA NA ESCOLA JOCELI  
CORRÊA E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES AO ASSENTAMENTO  
RONDINHA, JÓIA/RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca  
em: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.

---

Prof.

---

Prof.

Dedico este meu trabalho de conclusão de curso para a minha família que me apoiou nesse momento delicado de estudos e pesquisas. Aos meus colegas e amigos que contribuíram de uma forma ou de outra no aprimoramento desse material, assim como também ao Instituto EDUCAR que me fez crescer muito e me ajudou nessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente queria agradecer a minha família, que sempre me apoiou nessa caminhada servindo de pilar de sustentação que me levou a ser o que sou hoje, principalmente para minha mãe, Maria Loreni Rodrigues, que é uma mulher excepcional e devo a ela tudo o que conquistei.

Ao meu orientador Matheus Fernando Mohr que me auxiliou para que tivesse êxito na conclusão desse trabalho.

Agradeço também aos meus amigos, que me apoiaram nesse tempo, principalmente aos meus colegas de quarto, sendo eles o Rafa, Martielo e Paulista, que ao longo de curso foram as melhores pessoas que conheci tendo convivido muitos momentos bons com eles.

Queria agradecer a escola Joceli Corrêa, os professores e alunos que me ajudaram e dispuseram de espaço para poder concluir minha pesquisa, levando em conta que foi lá que fiz meu ensino médio e sempre sou bem recebido naquele local.

Ao Instituto Educar que foi quem proporcionou a eu fazer esse trabalho e em especial o MST, que foi o responsável por eu estar fazendo esse curso atualmente.

Do ponto de vista de uma formação econômico-social superior, a propriedade privada do planeta nas mãos de indivíduos isolados parecerá tão absurda como a propriedade privada de um homem nas mãos de outro. Nem sequer toda a sociedade, uma nação, mais ainda, as sociedades contemporâneas juntas são proprietárias da Terra. Somente são seus possuidores, seus usufrutuários, e devem melhorá-la, como boni patres famílias, para as gerações futuras.

Karl Marx. (O Capital, Livro III).

## RESUMO

Neste trabalho se procura fazer um estudo da realidade local objetivando avaliar sobre como o componente curricular “agroecologia” pode contribuir na vida dos alunos da escola Joceli Corrêa que residem no assentamento Rondinha. A metodologia utilizada foi um estudo de caso que se utilizou de uma observação participante, tendo sido realizado o acompanhamento de algumas aulas, sendo também utilizado um questionário com os alunos, e entrevista com áudio com o professor da disciplina de agroecologia. Tem por objetivos, primeiramente, analisar como o estudo é importante para a formação de consciência dos alunos. Com isso, discutir a importância da agroecologia e sua relação com o conhecimento agregado para, enfim, chegarmos ao contexto de avaliar a importância desse estudo e conhecimentos no contexto vivido pelos alunos e as famílias. A educação agroecológica discute os princípios, sociais, econômicos e ambientais, trabalhando manejo de agroecossistemas, como forma de promover qualidade de vida. Porém, dentro da realidade assentada se encontra um embate muito forte sobre estas questões, pois o assentamento, em quase toda sua totalidade trabalha com produção convencional. Com esta pesquisa se constatou que os conhecimentos que os alunos recebem em sala de aula são muito satisfatórios sendo visível o interesse dos mesmos por este assunto. Entretanto, essas relações de conhecimento se limitam à sala de aula, pois se pode materializar muito pouco ou quase nada para sua propriedade, pois nela se trabalha um sistema de produção muito diferente. Constatamos que um dos objetivos principais da matéria agroecologia é promover a produção de alimentos de subsistência sem agrotóxicos. Na sequência desse aspecto abrem-se possibilidades para um aperfeiçoamento em relação ao entendimento das famílias sobre esta temática, formando consciência nos alunos, para poder disseminar a agroecologia em um método simples, ocasionador de mudança na qualidade de vida dos agricultores.

Palavras-chave: Assentamento. Educação agroecológica. Agrotóxicos. Qualidade de vida.

## RESUMÉN

En este trabajo se busca hacer un estudio de la realidad local, pero dentro de un dimensionamiento mucho más amplio, teniendo como objetivo evaluar qué estudio de la agroecología en la escuela Joceli Corrêa, y lo que ese estudio puede contribuir en la vida de los alumnos que residen en el asentamiento Rondinha. La metodología utilizada fue un estudio de caso, en el cual se basó en una observación participante, donde se realizó el seguimiento de algunas clases de la materia, siendo también utilizado un cuestionario con los alumnos y entrevista con audio con el profesor de la materia. Si tiene por objetivos, primero, analizar cómo el estudio es importante para la formación de conciencia de los alumnos. Con eso discutir la importancia de la agroecología y su relación con el conocimiento agregado para los mismos. Para finalmente llegar al contexto de evaluar la importancia de ese estudio y los conocimientos repasados de los alumnos para los productores, que puedan en la mejora de sus producciones. La educación agroecológica se trata mucho más que una materia trata tanto de principios, sociales, económicos y ambientales, trabajando manejo de agroecosistemas, como forma de promover calidad de vida. Pero dentro de la realidad asentada, se encuentra un embate muy fuerte en esta cuestión, pues el asentamiento en casi toda su totalidad, trabaja con producción convencional. Con la investigación se constató que los conocimientos que los alumnos reciben en el aula son muy satisfactorios, notándose visible el interés de los mismos. Pero estas relaciones de conocimiento se limitan al aula, pues se puede repasar muy poco o casi nada para su propiedad, pues en ella se trabaja un sistema de producción muy diferente. Pero se constata que uno de los objetivos principales de la materia es promover al menos la producción alimentos de subsistencia sin agrotóxicos. A partir de ese punto para obtener una mejora en el entendimiento de las familias sobre el tema, formando conciencia en los alumnos, para poder diseminar la agroecología en métodos simples, pero que causen un gran cambio en la calidad de vida de los agricultores.

Palabras-clave: Asentamiento. Educación agroecológica. Los pesticidas. Calidad de vida.

## **LISTA DE SIGLAS**

AMUPLAN	Associação dos municípios do planalto médio;
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria;
VARIG	Viação Aérea Sul-Riograndense;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Município de Jóia, RS.....	14
Figura 2: foto do mapa do assentamento Rondinha no município de Jóia, RS.....	15
Figura 3: Escola Estadual De ensino Médio Joceli Corrêa.....	17
Figura 4: aula prática com os alunos do 9º ano da escola Joceli Corrêa.....	28
Figura 5: frase escrita na parede de salas de aula da escola Joceli Corrêa.....	35
Figura 6: produção da horta da escola Joceli Corrêa.....	41
Figura 7: Horta caseira da casa de um aluno do 9º ano, cultivada sem agrotóxicos.	41
Figura 8: alunos saindo da na frente da escola Joceli Corrêa.....	42
Figura 9: Produção da horta da escola sendo utilizada para a alimentação dos alunos.....	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	OBJETIVOS .....	12
1.1.1	<b>Objetivo geral</b> .....	12
1.1.2	<b>Objetivos específicos</b> .....	12
<b>2</b>	<b>HISTÓRICO</b> .....	13
2.1	O MUNICÍPIO DE JÓIA.....	13
2.2	O ASSENTAMENTO RONDINHA .....	15
2.3	ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO JOCELI CORRÊA.....	16
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	19
3.1	EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	19
3.2	AGROECOLOGIA .....	21
3.3	EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA .....	23
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	25
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	28
5.1	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E O CONVÍVIO COM OS ALUNOS .	28
5.2	OBJETIVO DA AGROECOLOGIA NO ESTUDO DOS ALUNOS .....	29
5.3	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA JOCELI CORRÊA.....	30
5.4	A MATÉRIA DE AGROECOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO ESCOLAR.....	32
5.5	MUDANÇAS NA REALIDADE ASSENTADA .....	34
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
	<b>APÊNDICE A- Imagens da pesquisa de campo</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis, porém a produção atual de monoculturas traz uma realidade totalmente oposta. (ALTIERI, 2002).

Conforme a modernização agrícola foi avançando, os princípios de agroecologia foram sendo destruídos, já que os mesmos foram se degradando ou sendo ignorados. Foi levado em conta muito mais o lucro para determinar a produção agrícola, e não a necessidade do povo ou a preocupação pelo ambiente. Os interesses do agronegócio e as políticas dominantes favoreceram as grandes propriedades, a produção especializada, a monocultura e a mecanização.

O município de Joia se destaca como grande produtor de monoculturas, sendo que a maioria de sua área é direcionada a esses cultivos. O assentamento Rondinha não foge muito dessa situação que é praticamente a mesma na maioria de suas áreas de produção.

O presente trabalho busca de certa forma propor outra visão de entendimento e utilizar o aprendizado da escola como forma de enfrentamento a esse modelo de produção, que se utiliza de insumos e agrotóxicos que degradam cada vez mais a região do presente trabalho.

É possível a escola contribuir nesse processo? Que ensinamentos os alunos podem transmitir para os pais? São as respostas para essas perguntas que se busca como objetivo do projeto de pesquisa.

É preciso encontrar/construir com urgência e paciência caminhos firmes para um vínculo orgânico das escolas do campo com processos de trabalho e de luta, que estão construindo a agricultura camponesa agroecológica como parte de alternativa do trabalho à ordem do capital. (CALDART 2016 p. 02)

Por meio deste trabalho procuro tentar buscar uma alternativa que possa ao menos ampliar o pensamento das famílias que estão se degradando consumindo e produzindo com agrotóxicos, e pelo meu entendimento a escola pode servir de grande base para melhorar essa concepção pois, os alunos das escolas do campo serão nossos futuros trabalhadores e agricultores.

No presente trabalho procuro avaliar o que o estudo da agroecologia na escola Joceli Corrêa ajuda na formação e no cotidiano e na vida de pais e alunos que residem no Assentamento Rondinha, que convivem e trabalham com sistemas convencionais de produção, que degradam o meio ambiente.

Busco entender o que a escola pode contribuir para a transformação e o melhoramento na visão dos alunos por meio do ensino, e o que eles podem transmitir para sua família contribuindo em sua propriedade com os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

## 1.1 OBJETIVOS

Nesta parte exponho meus objetivos do trabalho para que possa seguir uma linha de pensamento e ter um foco no que seguir e pesquisar.

### 1.1.1 Objetivo geral

Avaliar o estudo da agroecologia na escola Joceli Corrêa, e o que esse estudo pode contribuir na vida dos alunos que residem no assentamento Rondinha.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Analisar como o estudo é importante para a formação de consciência dos alunos.

Discutir a importância da agroecologia e sua relação com o conhecimento agregado para os alunos.

Avaliar a importância desse estudo e o que é repassado para os pais desses alunos na melhora de suas produções.

## 2 HISTÓRICO

Neste item descrevo o histórico da minha região para se ter uma percepção mais ampla de onde foi meu projeto de pesquisa, a cunho de se entender a realidade de produção, explicando porque o estudo da agroecologia se torna tão complicado de se disseminar.

### 2.1 O MUNICÍPIO DE JÓIA

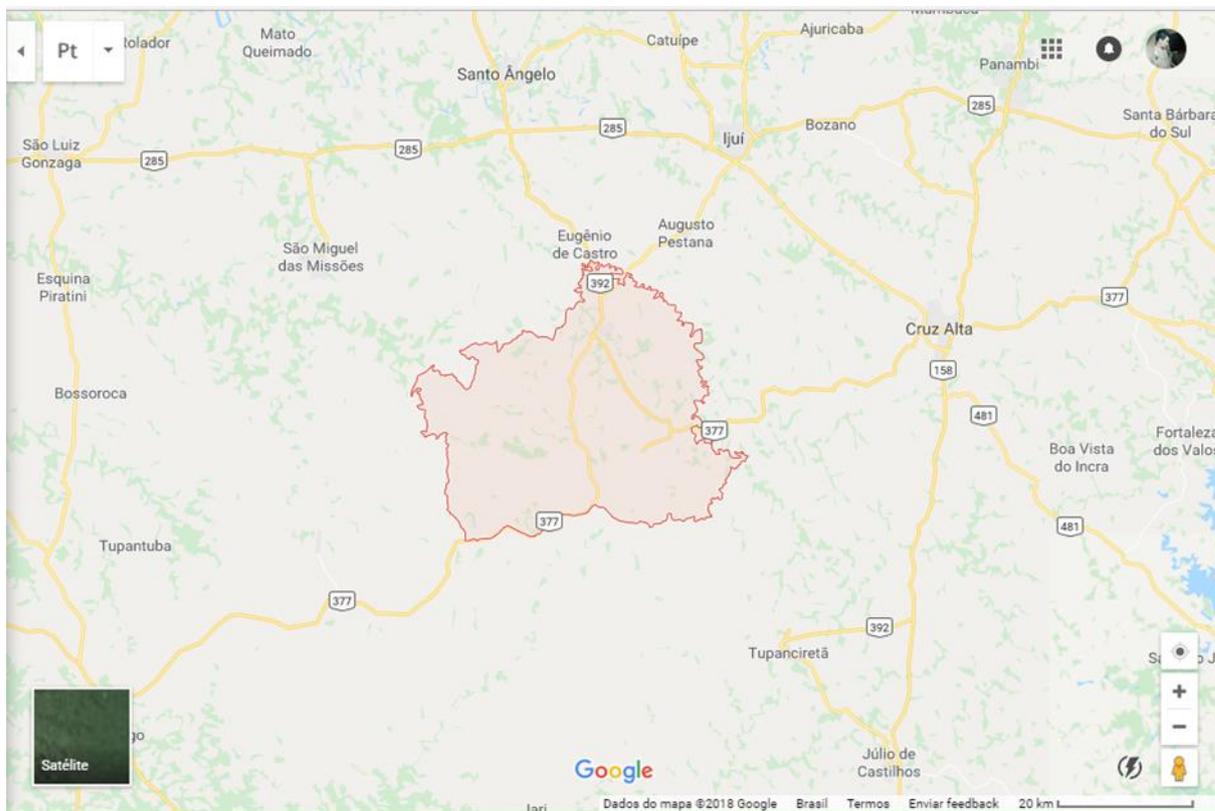
Jóia teve a sua emancipação há pouco tempo; porém, a formação de sua estrutura é bem antiga. Foi no ano de 1916 que se abriu a primeira picada em meio à vegetação nativa e cerrada que encobria esta terra simbolizando a chegada dos primeiros colonizadores no local conhecido ainda hoje como Esquina 21 de Abril. Ali, Antônio Mastella, Ricardo Bazzan e Celeste Burtet fundaram uma loja, deslocando-se no próximo ano para as margens do Arroio Bonito para aproveitar a queda d'água e construir um engenho de madeira e, mais tarde, um moinho. Após se instalaram ali um cartório e uma escola.

O local do moinho e o povoado que se instalou ao seu entorno foi chamado de Vila Nova, com seu desenvolvimento tornou-se 8º Distrito de Santo Ângelo até 1928, quando o município de Tupanciretã é emancipado e a Vila Jóia passa a ser seu 2º Distrito. Nos anos de 1962 e 1963, devido ao crescimento da Vila, começa o primeiro movimento emancipatório, defendendo seu projeto na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Essa primeira tentativa frustrou e no dia 12 de maio de 1982 o então governador do estado José Augusto Amaral de Souza assinou o Decreto número 7656/82 criando o município de Jóia. Neste mesmo ano ocorreu a primeira eleição para prefeito, saindo vencedor o Sr. Jandir Andreatta.

O município de Jóia está inserido na Associação dos municípios do planalto médio (AMUPLAN). Se localizando a 450 quilômetros da capital, Porto Alegre, e a 40 quilômetros da cidade de Ijuí, possuindo uma área de 1235,9 km<sup>2</sup> (figura 1). A economia é totalmente dependente de atividades agrícolas, sendo que dentre umas das principais é a monocultura da soja, milho, trigo que se utilizam de níveis elevados de degradação do solo, a bovinocultura de leite também é uma das principais atividades do município. Segundo o censo demográfico do 2010 realizado pelo IBGE, a população do município é de aproximadamente 8.300 habitantes,

sendo que dentre estes em média 75% residem em área rural e 25% na área urbana do município.

Figura 1: Localização do Município de Jóia, RS.



Fonte: google Mapas.

No município de Jóia existem muitos latifundiários, mas em contraponto existem pequenos agricultores, sendo que existem 1.498 propriedades no meio rural que possuem área inferior a 50 hectares.

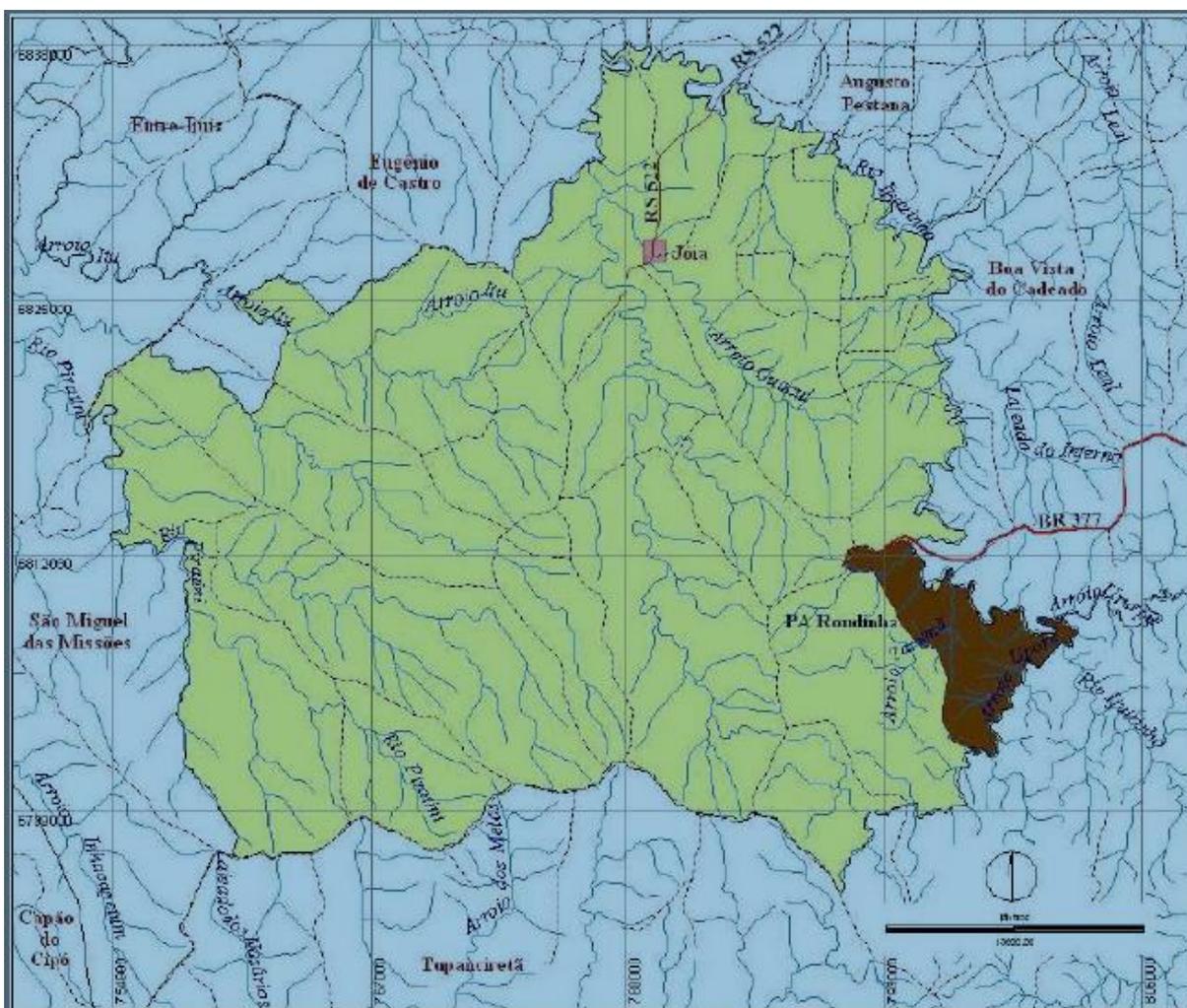
A partir do ano de 1988 as terras desse município começaram a receber assentados do programa de reforma agrária, executado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), atualmente Jóia possui uma área total estimada de 127.283 hectares, levando em conta que nesse município existem assentamentos do MST (movimento dos trabalhadores rurais sem-terra) e reassentamentos do MAB (Movimento dos atingidos por barragens). Sendo que estes compõem oito assentamentos e reassentamentos, distribuídos em 11.714 hectares, sendo o assentamento Rondinha, Barroca, Tarumã, Trinta e Um de Maio, Santa Tecla, Simón Bolívar, Novo Amanhecer e Ceres, totalizando cerca de 670 famílias beneficiárias deste programa.

Dentre esses assentamentos possui um em especial, que é o maior em extensão territorial, que é o Assentamento Rondinha.

## 2.2 O ASSENTAMENTO RONDINHA

É um dos primeiros assentamentos da região que antigamente fazia parte da Fazenda Rondinha, que por ser um lugar sitiado por matas e banhados, era mais simples para os peões de fazenda deixarem o gado descansar, sendo mais simples para os peões se revezarem em pequenas rondas, assim criando o nome de "Rondinha".

Figura 2: foto do mapa do assentamento Rondinha no município de Jóia, RS.



Fonte: COSSETIM, 2014.

Tendo a maior área de assentamento do município, com 4.193,08 hectares, possui 232 famílias assentadas, sendo essas originárias dos municípios de Ronda Alta, Palmeira das Missões, Vicente Dutra, Iraí, Herval Grande, Nonoai, Alpestre, Pinhal, Rodeio Bonito, Planalto, Ajuricaba, Novo Tiradentes e Arroio do Tigre, todos

esses sendo situados no Rio Grande do Sul. Alguns destes sujeitos eram empregados da antiga VARIG a qual pertencia à área onde hoje é o assentamento.

O assentamento conta com propriedades de 16 a 22 hectares por família, sua localização fica a sul do município de Jóia mais ou menos a 30 quilômetros de distância da cidade, tendo uma área de 4.500 hectares, fazendo divisa com Tupanciretã ao sul e Boa Vista do Cadeado a leste, na qual essa divisa é cortada pelo rio Ijuí, possuindo também dentro do assentamento o rio Ijuizinho que tem início na fazenda tarumã, que faz divisa a oeste com o assentamento, e desemboca no rio Ijuí.

Possui relevo predominantemente plano, com poucas ondulações. São diversos os cursos de água encontrados no assentamento como os Arroios Tarumã, Urupê e São Bernardo e o Rio Ijuizinho que faz a divisão do Assentamento com o Município de Boa Vista do Cadeado. Além desses, nos relatórios do INCRA constam 28 nascentes no assentamento e os relatos dos assentados apontam para 200 nascentes considerando cabeceiras de banhado e áreas úmidas. Os campos que antes caracterizam a área, hoje correspondem por apenas 4% da área distribuídos pelos lotes e cerca de 60% da área é ocupada para a agricultura, ficando o restante da área ocupada pela mata nativa.

### 2.3 ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO JOCELI CORRÊA

Como a comunidade assentada estava longe de acesso à educação para seus filhos, sendo que se queria uma formação de qualidade, através de uma escola e educadores que tivessem frente à realidade assentada e uma escola que atendesse a realidade dos filhos das famílias assentadas a necessidade de se criar uma escola nas dependências do assentamento se tornou uma necessidade muito grande. A preocupação de se ter uma escola que pudesse atender aos alunos de forma adequada se tornou uma frente de luta de toda comunidade assentada.

As famílias reivindicaram junto às autoridades a educação para os alunos do novo assentamento, primeiro os alunos foram atendidos por uma extensão da Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonilda Zardin Nicoletti que fica na localidade de Rondinha, acomodados em um galpão com três salas de aula e uma cozinha improvisada. Porém esta escola só atendia alunos até a 4ª série, novas reivindicações foram necessárias até que em março de 1996 o Conselho Estadual de Educação aprova a criação da Escola Estadual de 1º Grau no Assentamento Rondinha, sendo que o

decreto foi assinado pelo então governador do estado Antônio Britto, mesmo depois de sancionado demorou a ser efetivada devido à demora da prefeitura em construir o prédio (MENDES,2010. p 29)

Com todo o processo de luta e longos debates e pedidos ao Estado, somente em novembro de 1998 o prédio foi construído, porém a autorização de funcionamento só foi expedida no ano seguinte, dando início às aulas e podendo suprir a demanda de alunos e a demanda de cinco assentamentos que eram vizinhos do Assentamento Rondinha, que seriam, o Assentamento Barroca, o reassentamento 31 de maio pertencente ao MAB, o Assentamento 25 de novembro, e os assentamentos Várzea e Estrela que Brilha, pertencentes ao município de Tupanciretã.

No ano de 2002 a equipe diretiva buscou junto à coordenadoria de educação a troca do nome da escola, passando esta a ser chamada de Escola Joceli Corrêa. Neste mesmo ano a escola buscou junto com a comunidade a implantação do ensino médio, sendo este oficializado no ano de 2004. Com essa aprovação, a escola passou a ser chamada de Escola Estadual de Ensino Médio Joceli Corrêa. (MENDES, 2010 p 29)

Figura 1: foto da pesquisa de campo da Escola Estadual de Ensino Médio Joceli Corrêa



Fonte: Acervo da escola

Com a escola de ensino médio a maioria dos alunos, que tempos atrás tinham a necessidade de fazer quilômetros de distância para irem à escola, contam com uma Educação de qualidade perto de sua casa.

“Atualmente a escola Joceli Corrêa conta com um quadro de mais de 30 funcionários, entre faxineiros, merendeiras, professores e secretários, podendo atender até 400 alunos, trabalhando em 3 turnos, manhã tarde e noite” (COSSETIM, 2014 p. 65) a escola estadual Joceli Corrêa é a segunda maior do município, sendo a maior escola do interior, e foi a primeira escola de assentamento do estado do Rio Grande do Sul a ter ensino médio. A escola possui infraestrutura e demanda para atender a todos os assentamentos da região onde ela se encontra, com educação de qualidade.

O quadro de funcionários da escola, em sua maioria, pertence ao assentamento Rondinha ou assentamentos vizinhos, porém todos em tempo de aula residem no entorno da escola, em casas alugadas durante o período letivo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico procuro abordar os autores e bases de conhecimentos que utilizei para realizar meu trabalho.

#### 3.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do campo vem sendo um desafio muito grande, principalmente em áreas de assentamentos da reforma agrária, porque em muitas destes espaços ocorre o uso intensivo de agrotóxicos por exigência de produção de *commodities* nos sistemas de produção de diversas famílias de assentamentos.

Segundo Caldart 2012 a educação do campo se nomeia fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizada pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais da comunidade.

Sendo assim o aluno do campo tem um papel fundamental não somente como educando de uma escola, mas também como um camponês que vai utilizar seus conhecimentos para gerar produção com o que retirou de aprendizados de sua formação gerando uma união de teoria e prática adquirida por seus estudos ao longo do tempo.

A luta pela educação no campo sempre foi um desafio pois além de se ter que constar conhecimentos atualizados, nunca se pode esquecer de nossas raízes, tendo em vista que o avanço do campo se deu através de conquistas e lutas ao longo do tempo. “O avanço da lógica contra hegemônica requer novas pesquisas, produção de ciência, mas também a recuperação dos caminhos já percorridos pelos camponeses em sua resistência ao longo da história da humanidade” conforme afirma (CALDART, 2014 p. 4)

”As expressões Educação na Reforma Agrária e Educação do Campo nasceram simultaneamente, são distintas e se complementam” (FERNANDES, 2005) utilizando essa temática para utilizar a educação do campo como uma ferramenta de luta dos movimentos sociais que buscam o empoderamento através do conhecimento formando um vínculo entre esses dois conceitos distintos.

O termo Educação do campo foi utilizado pela primeira vez a partir de um seminário nacional em Brasília representando um contraponto com o termo

Educação rural, sendo utilizada a expressão do campo para se referir ao camponês, tratando a educação do campo como uma educação que se volta a todo os trabalhadores e trabalhadoras do campo, trazendo em si de forma auto explicativa toda a diversidade que o campo possui (CALDART, 2012) sendo esse uma boa forma de resgatar o termo camponês, que vinha sendo perdido ao longo do tempo.

A expressão educação “do campo” se refere a um sentido muito amplo como explica PETERSEN, 2007:

Essa expressão é um conceito político que diz respeito à luta popular pela ampliação, acesso, permanência e direito à escola pública, bem como pela construção de uma escola que, mais do que *estar* no campo, *seja* do campo, considerando as demandas, sonhos e desejos de sua população.

Essa Educação se tem necessariamente ser voltada as famílias do campo tratando de uma forma geral beneficiários da reforma agrária, sendo esses assentados que necessitam de uma educação de qualidade.

Segundo Fernandes (2005, p.02) “A Educação na Reforma Agrária refere-se às políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento dos assentamentos rurais.” Sendo que reafirma que “Nosso pressuposto básico é da necessária relação entre projeto educativo e projeto histórico. Assumimos o projeto histórico da classe trabalhadora: porque é a nossa classe e porque é a classe portadora de futuro: sociedade, humanidade” (CALDART, 2014, p. 12).

A educação na reforma agrária de certa forma compõe a educação do campo trazendo ela de uma forma dinâmica e explicativa para as áreas de assentamentos entrando nesse debate do camponês que quer ter uma educação de qualidade para seus filhos “Neste sentido, a Educação na Reforma Agrária é parte da Educação do Campo, compreendida como um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a Educação como parte essencial para o desenvolvimento do Campo” (FERNANDES, 2005, p.02).

De acordo com Caldart (2012, p. 259) “A realidade que produz a educação do campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garanta aos trabalhadores do campo o direito à educação, [...]” se constituindo como uma forma de luta social através do acesso dos trabalhadores do campo, sendo sua ferramenta de apropriação do conhecimento e fonte para debate.

Trazendo esse contexto PETERSEN, 2007 traz uma visão ampla do processo, tentando abordar que essa educação não trata questões apenas do

ensino em si, mas sim de todo um contexto de luta de classes e do contexto de luta camponesa abordando que:

Nessa perspectiva, a educação do campo, como resultado da luta dos povos, precisa ser compreendida para além dos processos formais de escolarização, abarcando os processos educativos que tenham um significado de libertação e de transformação da realidade[...]

A formação de conhecimento principalmente do camponês é peça chave de sua libertação, sendo que, “[...] a educação do campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre a produção humana e formação material da existência, quando concebe a intencionalidade educativa de novos padrões de relações sociais,[...]” (CALDART, 2012 p. 262), tratando a mesma não como uma forma de ensino, mas sim uma relação mediatizada de teorias e práticas, se utilizando de compromissos políticos e valores, que a través de lutas sociais enfrentam as contradições e embates que ocorrem diante a esse processo.

### 3.2 AGROECOLOGIA

Com o crescente avanço das indústrias e o início do patenteamento de sementes, tecnologias de transgenias, criação de adubos sintéticos e nanotecnologias, as grandes empresas transnacionais começaram uma fase de desapropriação dos agricultores de suas terras, controlando sementes através de patentes e monopolizando as tecnologias de produção, tornando a chamada revolução verde, que excluía os agricultores pequenos espremendo-os em modelos de produção dominantes, pondo em risco sua permanência no campo, GUHUR, TONÁ 2012.

Segundo GUHUR e TONÁ (2012, APUD GLIESMAN, 2000 p. 58), “o termo Agroecologia parece ter surgido na década de 1930, com sinônimo de ecologia aplicada na agricultura”, sendo embora uma disciplina específica, trouxe para o debate muitas questões que a sociedade capitalista não discutia se popularizando e ganhando força ao longo do tempo.

Conforme afirma ALTIERI, 1987, p. 23 “a agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. ” Por não

ser padronizada, estimula um desafio para a educação e formação, pois se baseia em técnicas e saberes distintos que vem sendo aprimorados ao longo do tempo sendo que instiga a buscar conhecimentos e ter o cuidado com a terra, algo que foi tirado dos camponeses por meio de processos de produção de monoculturas que degradam o solo e destroem a natureza.

A agroecologia parte do pressuposto de ser uma agricultura menos agressiva, contemplando uma nova ideia de agricultura, de uma produção de alimentos limpos e de qualidade, isentos de resíduos químicos, proporcionando uma saída para agricultura intensiva produzida pelo capital, que degrada e destrói o meio ambiente e produz exclusão econômica e social dos agricultores promovendo uma enorme dependência por parte dos agricultores, CAPORAL e COSTABEBER, 2002.

Segundo GUHUR e TONÁ, 2012 a agroecologia trata como conceito chave em sua metodologia, o manejo de agroecossistemas, que se entende por um meio artificial, que através de técnicas e conhecimentos, se torna um produto de coevolução da sociedade humana e da natureza. “Na agroecologia, a preservação e ampliação da biodiversidade os agroecossistemas é o primeiro princípio utilizado para produzir auto regulação e sustentabilidade” ALTIERI (2004, p. 26).

Porém essa nova forma de produzir agricultura nos traz enormes desafios, pois se necessita ter um conhecimento em mútuas áreas para seu entendimento e compreensão, conforme afirmam CAPORAL e COSTABEBER, 2002 p.14.

Em essência, o Enfoque Agroecológico corresponde à aplicação de conceitos e princípios da Ecologia, da Agronomia, da Sociologia, da Antropologia, da ciência da Comunicação, da Economia Ecológica e de tantas outras áreas do conhecimento, no redesenho e no manejo de agroecossistemas que queremos que sejam mais sustentáveis através do tempo.

Sendo uma dimensão de conhecimentos e saberes que divergem muito com a agricultura convencional, necessitando de um entendimento de que “A produção estável somente pode acontecer no contexto de uma organização social que proteja a integridade dos recursos naturais e estimule a interação harmônica entre os seres humanos agroecossistema e o ambiente” ” ALTIERI (2004, p. 27).

O desafio de introduzir uma agricultura agroecológica é muito grande, tendo em conta seu amplo pois leva em conta além da sustentabilidade alimentar, fatores sociais e reprodutivos em seu contexto, conforme afirma, ALMEIDA, 2008 p. 10.

O objetivo maior da agricultura sustentável – que sustenta o enfoque agroecológico – é a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e com retornos econômico-financeiros adequados à meta de redução da pobreza, assim atendendo às necessidades sociais das populações rurais.

Esse objetivo deve ser tratado como conceito lógico de emancipação dos produtores, sendo uma ferramenta tanto para debates, como para sair do domínio do sistema a capitalista que nos é imposto, tornando a agroecologia não como um sistema de produção, porém como um modo de vida.

### 3.3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA

A educação do campo e a agroecologia sempre andam lado a lado, pois se tratam de técnicas e conceitos distintos, porém com conhecimentos, que produzem formas de entendimento que divergem dos conceitos atuais tratando de modelos diferentes, porém com ideais que buscam o empoderamento do camponês através do conhecimento e técnicas de produção.

Agroecologia e a educação do campo adquire extrema importância, uma vez que ambas, enquanto práticas pedagógicas, estão fundamentadas em um modelo alternativo de produzir e socializar conhecimentos. (RIBEIRO; FERREIRA; NORONHA, 2007, p 259)

Sendo assim a agroecologia entra nesse processo de educação para trazer uma formação diferente aos alunos, que tem uma visão de uma agricultura que não vise a produção de *commodities* e sim de alimentos, produzindo sustentabilidade e autonomia de produção.

Segundo Arroyo (2004), é preciso educar para um modelo de agricultura que inclua os excluídos, que amplie os postos de trabalho, que aumente as oportunidades de desenvolvimento das pessoas e das comunidades e que avance no sentido de direcionar a produção e a produtividade para a garantia de uma vida mais digna para todos, respeitando os limites da natureza.

Conforme afirmam (RIBEIRO; FERREIRA; NORONHA, 2007, p 261) “No entanto, o debate sobre Agroecologia e educação do campo não deve perder de vista que existem dois modelos de desenvolvimento para o meio rural em disputa, com reflexos diretos no meio urbano”. Tendo em vista que esses modelos seriam o agronegócio e a agricultura agroecológica sustentável, promovendo um intenso

debate e construção de saberes, para impor que os agricultores enquanto sujeitos desse contexto possam aderir ao modelo tornando ele, através de conhecimentos, sustentável e produtivo.

Prática e teoricamente a agroecologia tem que ser entendida como modelo de imposição ao capital, proporcionando através de conhecimentos uma crítica a agricultura convencional, proporcionando formas de se fazer um novo redesenho adequado para o manejo de agroecossistemas, ALTIERI; GLIESMAN, 2002. E é nessa prática teórica que se encaixa a educação do campo conforme afirmam RIBEIRO; FERREIRA; NORONHA, 2007, p 261-262.

A construção da autonomia no pensar é um dos papéis da educação, que, na perspectiva da Agroecologia, não consiste em substituir modelos, mas em dialogar na construção de saberes, criar as condições para que os (as) agricultores (as) possam tanto mobilizar seu conhecimento enquanto grupo social (e não apenas individualmente), como compreender, apreender e adaptar novas tecnologias aos seus agroecossistemas específicos.

E essas adaptações e conhecimentos torna a relação desses dois conceitos muito clara, tornando mutuamente um dependente de certa forma do outro, formando inter-relações que se amadurecem no processo conforme afirma CALDART 2016, p.23.

No plano formativo, é desafio firmar e dar mais densidade política à perspectiva epistemológica originária da agroecologia que é de conexão orgânica entre a elaboração e apropriação científica e as múltiplas formas de conhecimento produzido pelas famílias camponesas em sua prática social histórica, de modo a fortalecê-las na capacidade de comando real do processo produtivo.

A apropriação científica e de técnicas de produção através do conhecimento das famílias se torna como uma ferramenta de luta dentro dessas relações tornando uma forma de impor o debate e promover significância ao modelo de agroecologia apresentado. Dentro desse mesmo contexto RIBEIRO; FERREIRA; NORONHA, 2007, p 260 afirmam que “é justamente essa pluralidade, característica desse processo de organização, que permite o exercício partilhado do poder. Esses aspectos estão diretamente relacionados aos paradigmas da educação do campo e da Agroecologia”.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

No presente trabalho me utilizei de observação participante na qual é caracterizada por MINAYO, 1992, p.59:

A técnica da observação participante se realiza através do contato direto do observador com o fenômeno observado para se obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas.

De acordo com essas proposições realizei acompanhamento de aulas da matéria de agroecologia na Escola Joceli Corrêa, participando algumas aulas tanto práticas como teóricas para ter uma base de como seria a minha pesquisa, e o nível de aprendizado dos alunos.

O método de pesquisa utilizada foi o de pesquisa exploratória, que segundo Selitz et. Al (1965) enquadram-se na categoria dos estudos exploratórios todos aqueles que buscam descobrir ideias e intuições, na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. Sendo assim buscando entender um pouco mais do processo e as vivências dos alunos na escola.

A natureza da pesquisa foi de cunho qualitativa na qual se denomina ser:

Para Gil (1999, p 15), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Quanto ao objeto de estudo foi se utilizado o método de estudo de caso no qual foi levado em conta que se utilizar de outros estudos perderia a especificidade do trabalho. Sendo assim um estudo de caso se caracteriza conforme Yin (2001 p. 33-34).

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Foi utilizado o método de pesquisa de questionário aberto para alguns alunos na escola, tendo em vista que os mesmos vivem em uma realidade diferente do que aprendem na matéria, levando em conta que esse processo de conhecimento e adequação aos conteúdos não é muito simples de se trabalhar, pois a realidade familiar é totalmente diferente do objeto de estudo, tendo em vista que o sistema de produção transgênica ocupa quase todas as propriedades dos assentados do assentamento Rondinha.

Foi realizada uma entrevista em áudio com o professor responsável pela matéria de agroecologia, no qual se procura saber os pontos principais debatidos na matéria, bem como os alunos conseguem compreender e podem se inserir nesse debate.

Na pesquisa entrevistei alunos com idades entre 13 e 14 anos que vivem em realidades de produção em suas propriedades, totalmente convencional e a cultura da soja que é o carro chefe de produção de suas famílias.

O acompanhamento das aulas permitiu abordar assuntos importantes, pois o conhecimento da maioria dos alunos se limita às aulas teóricas e práticas.

O questionário de pesquisa continha as seguintes questões:

1. Quais os conhecimentos adquiridos em aula?
2. Dentre estes, quais se consegue colocar em prática dentro da propriedade?
3. Quais as facilidades e desafios para essa implantação?
4. Qual seria a importância de se ter uma matéria sobre agroecologia na escola?
5. Se você tivesse opção adotaria o uso de agroecologia em toda a sua propriedade? Porquê?
6. Sente a necessidade de produzir mais diversidade de alimentos em sua propriedade?
7. Como filho de produtor, sentiria necessidade de mudar o que em termos de principal atividade na propriedade de seus pais?

Diante dessas questões se buscou o nível de conhecimento que os alunos conseguiam absorver dentro da sala de aula, bem como o que eles repassavam para sua família, tendo em vista que a sua propriedade trabalha em um sistema diferente do que aquilo que é proposto em sala de aula.

E para o professor Valdetar Ávila Quadros, que é responsável pela matéria, fiz uma entrevista semiestruturada na qual abordei as seguintes questões:

1) Quais os conhecimentos repassados para os alunos e como isso se dá no decorrer do ano letivo?

2) No seu ponto de vista a agroecologia ou a produção orgânica seriam alternativas de produção para acabar com a produção de monoculturas nas áreas do assentamento?

3) Qual a importância de uma matéria sobre agroecologia, para alunos assentados que vivem em uma realidade de produção de monoculturas?

4) Qual seria um dos pontos chave para que a produção agroecológica fosse uma alternativa de produção para as famílias assentadas?

No decorrer da entrevista seguindo essa linha foram abordados vários temas usando as perguntas de base para a problematização, na qual contribuiu muito para esclarecer os objetivos da matéria.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste item busco trazer as percepções e desafios que impõe a implantação e o entendimento do estudo da agroecologia no local estudado, através de sistematização das entrevistas feitas na pesquisa de campo e levantamento de dados.

### 5.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E O CONVÍVIO COM OS ALUNOS

A visão da realidade dos alunos se tornou uma prática de acompanhamento continua de suas atividades, e no decorrer desse processo me deparei com várias constatações, e imposições que vou esclarecer nesse capítulo.

No acompanhamento das aulas foi perceptível o nível de interesse dos alunos, se demonstrando participativos tanto nas aulas práticas (figura 2), como nas teóricas.

Figura 4: Aula prática de poda de pessegueiros no pomar da escola Joceli Corrêa



Fonte: Álbum do autor.

Tendo a escola um grande espaço de formação nesse sentido, pois a nível de ensino, possui um pomar, uma horta, sendo retirada parte da merenda dos alunos e trabalha com experiências dos agricultores do assentamento (apêndice A).

A experiência tanto prática como teórica da escola quanto a produção de subsistência livre de agrotóxicos, é muito motivadora para os alunos, pois ali conseguem ver na realidade como isso é feito criando uma pertença dos alunos com a terra.

Sendo esse um debate tendenciado sempre em sala de aula pois se tem noção que a realidade na casa dos alunos é totalmente diferente, pois além de ter vontade de reproduzir essas técnicas de produção, tem que convencer ou muitas vezes entrar em debate com os pais, de produzir seus alimentos de consumo diário ao menos, de forma saudável.

## 5.2 OBJETIVO DA AGROECOLOGIA NO ESTUDO DOS ALUNOS

A matéria de agroecologia na escola Joceli é um fato bem recente, foi implantada no ano de 2017, como substituta da matéria de técnicas agrícolas, que na visão dos educadores, poderia ser um tema mais viável para a realidade assentada.

Bem nós temos do 6° ao 9° ano, a gente trabalha a disciplina de agroecologia que antes eram técnicas agrícolas, mas a cada governo que passa ela troca né porque cada disciplina tem um nome né tem um número, um código e técnicas agrícolas era bem mais amplo e na nossa escola não se adequava, a gente trocou a disciplina então por agroecologia, [...].  
(Entrevista da pesquisa de campo)

A matéria, no entanto, engloba uma série de conhecimentos gerais que são aplicados no decorrer dos conteúdos, trazendo para os educandos, realidades e vivências que agregam em sua formação. A importância dessa formação é imensurável pois ela servirá de debate contra hegemônico para desconstruir esse sistema de produção, e dimensionar esse sistema para uma lógica de sustentabilidade.

[...] A gente trabalha de, no ° a 6no por exemplo, a história da agricultura, a evolução dela, que ela teve, 7° ano a gente trabalha na questão do uso de agrotóxicos, já fazendo um contraponto com a questão agroecológica, éhhh, 8° e 9° ano, o 8° ano a gente trabalha mais com essa questão da industrialização da agricultura, e o 9° ano a gente reforça a questão ai do

uso dos agrotóxicos, o uso irracional na verdade né o uso indiscriminado o excesso né pelos agricultores, e ãhh um dos ponto chave aí no 9º ano é a construção da horta doméstica né, então no segundo semestre aí cada educando aí do 9º ano a avaliação de agroecologia deles é a construção da horta agroecológica em casa acompanhando né através de relatórios, de vídeos, né, o desenvolvimento de cada cultura, os tratos culturais, enfim tudo o que requer né com cuidados uma horta, e tentando vamos dizer assim, éhh essa questão da soberania alimentar com os agricultores, assentados, com as famílias assentadas,[...] (Pesquisa de campo, entrevista com o professor da matéria)

Os alunos nesse sentido aprendem desde os primórdios como a agricultura se constituiu, as visões por trás do sistema capitalista que se implantou através da revolução verde<sup>1</sup>, a questão do uso e dos riscos que os agrotóxicos trazem para a saúde, bem como a industrialização e monopólio da agricultura que se tornou tão evidente em toda a parte, inclusive na realidade dos assentamentos dessa região.

Devem-se levar em conta vários fatores quando se fala no estudo de agroecologia, pois claro que por ser um contexto enorme não se pode estudá-lo todo, principalmente com alunos de ensino fundamental, mas o importante é deixar para eles uma visão dos seus benefícios e suas contribuições. Para que ao menos um aluno que vive em uma realidade de assentamento possa produzir seus alimentos de subsistência, de forma orgânica, e que se possa estabelecer um vínculo de sustentabilidade mútua tanto com os alunos e suas produções.

### 5.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA JOCELI CORRÊA

[...]até porque a escola nesse ano de 2018 ela tá trabalhando um tema que é a cultura camponesa e a soberania alimentar, que é um tema que a gente, vamos dizer assim que a cultura tá ligado muito a soberania alimentar, ehh a gente então tá trabalhando isso aí dos alunos de 4 anos ao 3º ano do ensino médio, todas as turmas estão envolvidas de certa forma nesse projeto aí. (Entrevista da pesquisa de campo)

A soberania alimentar é o tema principal debatido na escola, pois por se ter um modelo de produção já imposto na comunidade assentada, a visão da escola é que, pelo menos a soberania alimentar seja dada como definição e objetivo para as famílias do assentamento.

A escola Joceli Corrêa tenta por meio das matérias, e de oficinas e palestras, resgatar esse “vínculo” da agricultura agroecológica, com o incentivo aos alunos,

---

<sup>1</sup> Segundo ANDRADES e GANINI, 2007 p.03 [...]modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura[...]

para que haja essa visão de sustentabilidade, e de cuidado com a terra, procurando auxiliar no máximo os alunos a terem esses conhecimentos acumulados, por dois fatores principais, primeiro para que possa ter o conhecimento e entendimento, para que seja consciente, e que por segundo possa alertar sua família sobre o mau que os agrotóxicos podem trazer.

Esse vínculo dos alunos com a realidade além das monoculturas é parte essencial para o ensino, quando se questiona os alunos dos conhecimentos que eles conseguem pôr em prática em sua propriedade, as respostas são bem sucintas.

No caso do entrevistado III quando se questiona, dentre os conhecimentos adquiridos em aula, quais se consegue pôr em prática na propriedade, ele responde da seguinte forma, *“poucas, pois a gente aprende a produzir as coisas que não se usa, ou usa pouco veneno, e em casa plantamos soja, uma coisa muito difícil de se produzir sem veneno, pois as pragas iam tomar conta das lavouras”*.

Essa afirmação é muito constante na realidade assentada, que por questões econômicas perderam seu vínculo com a terra, cada vez visando mais o lucro que a sustentabilidade. Com esse processo a dificuldade de se implantar um modelo mais orgânico de produção se torna insignificante para os produtores conforme afirma (CALDART, 2016 p 21).

O modo capitalista de fazer agricultura não permite cumprir o que seu discurso promete, “acabar com a fome no mundo” ou, nos termos mais recentes, garantir a “segurança alimentar” das populações. Ao contrário, tem destruído a soberania alimentar, que é o direito que tem cada povo, cada nação, de produzir os alimentos de que necessita para sua sobrevivência digna.

Como os alunos adquirem conhecimentos de agroecologia somente em período escolar se torna complicado entender todo o processo, ou até pelo grau de conhecimento que eles possuem, muitas experiências e visões de realidade repassadas em aula se tornam de certa forma obsoletas pois seu entendimento da complexidade do que é agroecologia, se torna irrelevante se não for compreendido por vontade própria.

Quando foi questionado seus conhecimentos em aula, alunos responderam da seguinte forma:

A gente aprende um pouco de agricultura, de como antes de usar veneno excessivamente, também as melhores épocas de plantar algumas culturas e ajudamos na horta da escola[...] os impactos sociais da industrialização da

agricultura[...] a gente aprende um pouco da agroecologia para plantar nos lotes e hortas. (Entrevista da pesquisa de campo)

Os alunos de uma forma geral conseguem aderir ou falar sobre assuntos que mais gostam ou que mais lhe chamam a atenção, levando a então a o objetivo da matéria que é despertar a ideia os alunos para esse tema, através de conhecimentos que possam ser agregados no seu futuro.

A pertença dos alunos às práticas de agricultura mais antigas, do cuidado com a terra vêm se perdendo o longo do tempo por principalmente a produção das monoculturas na área do assentamento, como explicou o professor Valdetar Ávila Quadros que é responsável pela matéria.

O principal é não perder o vínculo assim né, aquele vínculo com a terra, aquela mística que desde se criou o assentamento é uma questão cultural né, o manejo, o cultivo o preparo de conservas doces, Chimias, compotas, trabalhando com as crianças pra entender que isso é o resgate da cultura camponesa[...] (entrevista da pesquisa de campo)

Esse processo de trabalho com as crianças seria a chave para criar pessoas conscientes no futuro, o vínculo com a terra como citado acima é a peça chave fundamental de luta e de debates que a escola vem trazendo, pois, a consciência é a peça chave para mudança de paradigmas, segundo CALDART, 2016 p. 01 “O objetivo é pensar este vínculo entrelaçando dois fios de relações que em nosso entender devem orientar o pensar da educação e da escola. Um dos fios é o da relação entre agricultura camponesa e agroecologia”. Essa relação é a principal que deve ocorrer, porque a agroecologia é peça chave da agricultura camponesa, e as duas devem se interligarem para formar conscientização e educação para os alunos.

#### 5.4 A MATÉRIA DE AGROECOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO ESCOLAR

A escola (Joceli Corrêa), vem desenvolvendo ao longo dos 19 anos da escola né sempre voltado sempre pra prática agroecológica, produção e a questão da sustentabilidade nas famílias né, tentando transformar o pátio da escola em um lugar de visitação onde as pessoas possam é, as famílias possam observar, que é possível de de, ou em uma pequena área de terra, produzir a sustentabilidade da família. (Pesquisa de campo, entrevista com o professor da matéria)

A matéria de agroecologia se torna uma das peças que compõem o quebra cabeça da educação escolar dos alunos, pois não é apenas por meio dela e sim por vários fatores que a consciência dos alunos é formada.

Nos debates da Educação do Campo afirmamos que as escolas têm entranhado em seu destino histórico o compromisso político com a luta social pelo avanço da agricultura camponesa e, neste processo, pelo avanço do desenvolvimento das forças produtivas da agricultura desde a matriz da agroecologia. (CALDART, 2016 p. 24)

Como Caldart afirma a escola tem um papel importante com esse debate histórico do avanço da agricultura camponesa e da matriz da agroecologia, esse debate se insere desde as fases iniciais até o ensino médio, pois a própria sobrevivência da escola no campo depende desse debate, pois a agroecologia é o debate que confronta o capitalismo, e que defende os interesses sociais, e a escola é peça fundamental para formar esses trabalhadores conscientes do futuro.

Quando se questiona a importância de se ter uma matéria de agroecologia as respostas são muito diversas:

Ela tem uma grande importância, pois essa matéria ensina a gente a não usar veneno[...] você aprende a plantar hortaliças sem veneno[...] a importância dessa matéria é ajudar você evitar de usar veneno, ou diminuir o uso de veneno[...] estuda e trabalha com as sementes crioulas, um patrimônio da humanidade. (Questionário da pesquisa de campo)

O uso de “veneno” (agrotóxicos) é um tema bastante debatido pelos alunos, como eles vivem nessas realidades e isso é o que mais impacta em suas vidas, porém a monocultura se engloba toda nesse contexto, e a consciência dos se torna peça chave para debater e desconstruir esse modelo.

[...]além de dimensão do projeto educativo da escola, pode ser entendida como uma chave teórico-metodológica para organização do plano formativo da escola em torno da agricultura e da relação maior entre escola e trabalho que inclui a agricultura. E a agroecologia, além de ser entendida como uma área de estudo pode ser uma chave para identificar os conteúdos formativos ligados a este objeto e para definir sua forma de abordagem. (CALDART, 2016 p. 25)

A relação da escola com a agricultura ecológica é tratada de forma constante não como uma obrigação, mas sim como uma ferramenta de luta para com a comunidade assentada que depende disso para contrapor o modelo de produção imposto atualmente. A agroecologia serve para quebrar paradigmas e se define como uma ferramenta de luta principalmente no contexto da escola, que necessita

desse contraponto para forjar um debate para com a comunidade assentada que vive em uma realidade totalmente diferente.

## 5.5 MUDANÇAS NA REALIDADE ASSENTADA

A realidade assentada hoje é muito complicada, pois o sistema de produção de monoculturas dificulta outros processos de produção mais complexos, pois o sistema já se impregnou na forma de vida das famílias, que mudar de uma hora para outra seria quase impossível.

A maioria do modelo de produção, inclusive seus investimentos em maquinários e subprodutos estão focados nesse modelo de produção, e a educação do campo vem em contraponto, para se manter um modelo de produção mais viável em termo de sustentabilidade e menos degradante em termos de destruição do meio ambiente e da saúde humana.

A defesa de uma educação do campo tem como sustentação o reconhecimento de uma realidade de trabalhadores e trabalhadoras que têm resistido para continuar produzindo sua vida no espaço rural. [...], portanto, pensar um projeto de educação do campo pressupõe a sua sustentabilidade em termos econômicos, sociais e culturais. (VENDRAMINI, 2007 p. 127)

Os filhos dos assentados e alunos da escola se deparam nessa contradição todos os dias, pois entendem que uma agricultura agroecológica seria a solução para pararem, com a utilização de agrotóxicos e manter uma soberania alimentar em sua propriedade, mas ao mesmo tempo entendem que esse processo levará tempo, e formar a consciência dos pais não é uma tarefa tão fácil assim, pois querendo ou não o modelo imposto é o que faz com que a família tenha estabilidade financeira e que permaneçam em suas propriedades.

Essas contradições se veem em suas respostas quanto aos questionários, onde admitem sentir necessidade de produzir mais diversidade de alimentos em sua propriedade, onde as respostas foram as seguintes:

Sim. Porque temos terras boa que podem produzir alimentos básicos, como: arroz, feijão, milho, batata, mandioca, abóbora, legumes, frutas, remédios, hortaliças, etc. e assim diminuir o gasto na aquisição desses produtos, [...] sim plantar coisas em sua propriedade que você e sua família possam comer. (Resposta entrevistados I e IV da pesquisa de campo).

Por meio dessas afirmações se pode notar que a vontade de mudança dos filhos é enorme, porém quando se trata de modificar o modelo de produção e implantar um sistema de produção diferente, outros fatores entram em questão, segundo o professor responsável pela matéria, vários fatores poderiam interferir nesse processo.

Não sei bem certo se acabaria com a monocultura que é muito grande hoje em nosso assentamento, hoje a gente teria que pensar mesmo nessa questão da sustentabilidade, como as famílias produzirem para seu próprio consumo, Até porque a questão agroecológica devido a distância de se locomover a falta de mercado isso acaba impactando, e vamos dizer assim que o agricultor volta novamente a produzir a cultura da soja, mas o foco principal acho que hoje a escola no meu ponto de vista é trabalhar a sustentabilidade das famílias,[...]. (Pesquisa de campo, entrevista com o professor da matéria)

E o contexto segue nessa linha de pensamento pois não se sai de um modelo de produção e vai logo para outro, se necessitando de recursos para se manter nesse meio tempo, e principalmente ter perspectiva de sucesso para frente, coisa que em uma realidade assentada se torna muito complicada, pois o produtor tende a não dar crédito ou não acreditar no que não conhece.

E quando se é questionada aos alunos a necessidade de mudar de sistema de produção na sua propriedade, se tem uma resposta meio geral do que é o pensamento de todos, como cita o entrevistado III “*não queremos mudar, pois até agora está dando resultado, e mudar agora depois de começar é ruim, pois pode afetar no rendimento anual, podendo até falir*”.

Essa generalizada de medo de mudança torna a realidade de implantação de um novo modelo, muito distante da realidade do assentamento, criando um desafio muito grande para os alunos e maior ainda para a escola, (figura 03) que por meio da educação deve contribuir nesse debate, tendo que fazer uma relação entre o que o agricultor quer para seu sistema de produção e o que ele precisa para ser sustentável.

Figura 05: frase escrita na parede do segundo bloco de salas de aula da escola Joceli Corrêa.



Fonte: Álbum do autor.

Pra que (m) serve o teu assentamento? Uma pergunta tão simples e ao mesmo tempo tão complexa de responder, pois envolve um debate muito grande do papel da educação na realidade assentada e conhecimentos que ela deve transmitir, sendo essa pergunta não podendo ser respondida em palavras, mas sim expressa em atos, tendo em vista quem a escola forma, e o que ele pode contribuir em mudanças no futuro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a expansão e desenvolvimento do capitalismo no campo os sistemas de produção, se dimensionam apenas para a produção das plantas primárias, apenas produzindo commodities<sup>2</sup> para o mercado externo, em partes a agricultura familiar, por falta de opção de opção e de incentivo em outras áreas, acaba se inserindo nessa cadeia de produção.

A realidade do município de Jóia no Rio Grande do Sul e das famílias assentadas, entra nesse sistema de produção, principalmente, com a produção da soja, tornando a agricultura familiar, de certa forma dominada por as empresas que dominam as tecnologias de produção.

Com esse modelo a agricultura familiar vai perdendo as técnicas de produção, e a pertença pela terra. A educação do campo entra em contraponto para, através do ensino conscientizar os alunos para que possam mudar suas concepções e criar pensamentos que possam dar contra esse modelo de produção.

O estudo da agroecologia na escola entra como ferramenta de mudança para que isso aconteça tendo um papel importante na formação dos alunos que vivem no Assentamento Rondinha e convivem nessa realidade de produção. Formando uma viabilidade de produzir um modo de produção diferenciado em uma realidade que está tão segregada, quanto á modelo de produção.

Na pesquisa de campo se pode notar que o grau de resistência que essas produções impregnaram na concepção dos assentados de uma forma geral foi enorme, e isso se reflete nos filhos, que acompanham todo dia essa realidade de produção. A pretensão do lucro em primeiro lugar se tornou uma questão indiscutível para os pais, reflete também nos alunos, tendo casos de que a importância com a sustentabilidade, não se torna fator principal na produção.

A matéria de agroecologia se torna importante na medida que, o aluno pode se ver produzindo seus alimentos básicos de consumo ao menos, possam ser produzidos de forma orgânica e saudável, por meio das pesquisas se pode notar que o objetivo da matéria não visa mais que esse fator, por várias questões.

---

<sup>2</sup> Segundo PENA, 2010 *Commodities* são artigos de comércio, bens que não sofrem processos de alteração (ou que são pouco diferenciados), como frutas, legumes, cereais e alguns metais. Como seguem um determinado padrão, o preço das commodities é negociado na Bolsa de Valores Internacionais, e depende de algumas circunstâncias do mercado, como a oferta e demanda.

Uma das questões mais limitantes para mudar o modelo de produção seria o próprio agricultor, pois não tem como sair de um modelo, que mesmo sendo prejudicial destrutivo e que beneficie apenas interesses do capital, mas gera renda pelo menos para manter a permanência do agricultor no campo, e mudar para um modelo que mesmo sendo o certo, não se tem incentivo se torna incerto e que acaso venha a não dar certo o agricultor ficará sem renda e endividado.

O uso de incentivos e políticas públicas seria o ponto chave para esse dimensionamento, pois viabilizaria outras produções, e tornaria acessível outros sistemas de produção, não apenas a monocultura que só cresce na nossa região.

O incentivo que a matéria de agroecologia pode dar as famílias assentadas, é conscientizar e agregar conhecimentos sobre o que a produção da monocultura causa, através de palestras, dias de campo, oficinas, entre outros, conscientizando pais e alunos, para saber os cuidados e prevenções que se devem tomar.

A pesquisa em si teve como objetivo principal entender o nível de conhecimento que os alunos tinham sobre as questões debatidas, mas se formos olhar a um longo prazo, só a conscientização sem mudança resultará muito pouco, quando essas produções se tornarem inviáveis economicamente para as famílias, então o desafio para continuação é produzir materiais que diretamente possam resultar em mudanças, e estudar mais a fundo esse sistema como um todo buscando alternativas viáveis de produção que não degradem o meio ambiente e que prezem de forma significativa para a produção da vida.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. Apresentação a quinta edição. *In: Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre, UFRGS, 2004, p. 2-18.
- Altieri, M. *Biotecnologia agrícola: Mitos, riscos ambientais e alternativos*. **Universidade da Califórnia**, Berkeley: Foundation for Deep Ecology e Fred Gellert Family Foundation. 2002, 10 p.
- ALTIERI, Miguel. Agroecologia, objetivos e conceitos. *In: Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre, UFRGS, 2004, p. 23-41.
- ANDRADES T. O.; GANIMI R. N. Revolução verde e a apropriação capitalista. **CES Revista**. Juiz de Fora, v. 21 p. 43-55. 2007.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *In: Dicionário da educação do campo*. São Paulo, Expressão Popular, 2012 p 257-264
- CALDART, Roseli Salete. Trabalho, agroecologia e educação politécnica nas escolas do campo. *In: Questão agrária, cooperação e agroecologia*, vol. III. São Paulo, 2016.
- CALDART, Roseli Salete. **Desafios do vínculo entre trabalho e educação na luta e construção da Reforma Agrária Popular**. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*. 2013, Goiânia.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia. Enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.2, p 13-16 abr./junh.2002.
- COSSETIM, Antonio Oliveira de. **A expansão da produção de soja e a viabilidade dos assentamentos do MST no município de Jóia-RS**. 2014. 129 p. Dissertação (mestrado em geografia). Universidade Federal de Santa Maria, pós-graduação em geografia e geociências, Santa Maria, 2014.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. *In: I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO*, Brasília, DE 19 A 22 de setembro 2005. **Anais Eletrônicos**. Brasília, Unicamp: disponível em:[http://forumeja.org.br/br/sites/forumeja.org.br/files/artigo\\_bernardo%20\(texto%20complementar\)](http://forumeja.org.br/br/sites/forumeja.org.br/files/artigo_bernardo%20(texto%20complementar)) acesso em 10/05/2018 às 21:07.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUHUR, Michele P. O., TONÁ, Nilciney. Agroecologia. *In: Dicionário da educação do campo*. São Paulo, Expressão Popular, 2012 p 57-71.

MENDES, Naira Leticia Giongo. **A contribuição dos assentamentos da Reforma Agrária para o desenvolvimento do município de Jóia**. 2010. 65 p. Trabalho de conclusão de curso (história). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande Do Sul (UNIJUI), trabalho de conclusão de curso em história, Ijuí, 2010.

MUNDO EDUCAÇÃO. **O que são commodities**. Disponível em <https://www.noticiasagricolas.com.br/educacional/mercado-futuro/44200-commodities.html> acesso em 15 de maio de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Observação participante *In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 14ª ed. São Paulo, 1993 p 59-61.

PETERSSEN, Paulo. Educação do campo e agroecologia. *In: II Encontro nacional de Agroecologia*. 2007, São Paulo, p 259-263.b

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. Métodos de pesquisa das relações sociais. São Paulo: Herder, 1965.

VENDRAMIM, Célia Regina. **Educação e trabalho: reflexões em torno dos Movimentos sociais do campo**. 2007. 121-135 P. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acesso dia 11/05/2018 às 13: 10 h.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A- Imagens da pesquisa de campo

Figura 6: produção da horta da escola Joceli Corrêa.



Fonte: álbum do autor

Figura 7: Horta caseira da casa de um aluno do 9º ano, cultivada sem agrotóxicos



Fonte: álbum do autor

Figura 8: alunos saindo da na frente da escola Joceli Corrêa.



Fonte: Album do autor

Figura 9: Produção da horta da escola sendo utilizada para a alimentação dos alunos.



Fonte: Album do autor.